

CLICHÊ E FALÁCIA: CONTRA-INDICAÇÕES EM REDAÇÕES ESCOLARES¹

CLICHÊ AND FALLACY: CONTRA-INDICATIONS IN SCHOOL COMPOSITIONS

Janaína Dalla Porta²

Nilsa Teresinha Reichert Barin³

RESUMO

Ao se falar em redação escolar, a maioria dos alunos sente-se abalada, pois tem diante de si a pior das tarefas escolares: escrever. Por essa razão, o papel da educação é contraditório; os alunos passam cerca de onze anos estudando e, no entanto, ao final do Ensino Médio, grande parte dos estudantes sente enorme dificuldade em se expressar por escrito, principalmente, se o texto envolver juízo de valores e argumentação pessoal. Na opinião do aluno, a dissertação é vilã. E por que dissertar é tão difícil?

Palavras-chave: dissertação, argumentação, clichê, falácia.

ABSTRACT

When the school composition is mentioned, most students feel shattered, for they have to face the worst of all school tasks: writing. For this reason, the role of education is contradictory; students spend about eleven years studying and, at the end of High School, however, a large number of students feel great difficulty in expressing themselves by means of writing, mainly if the text includes value judgement and personal argumentation. In the student's opinion, dissertation is the villain. And, why is it so difficult to write a dissertation ?

Key words: dissertation, argumentation, cliché, fallacy.

INTRODUÇÃO

Como diz TRAVAGLIA (1997), a gramática, em sala de aula, trabalha com regras e exclui o uso de textos, pois esses, quando usados, viram pretextos para aulas de teoria gramatical. Não são incorporados no dia a dia

¹ Monografia.

² Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - UNIFRA.

³ Orientadora.

do aluno a construção de textos e o seu entendimento como manifestações vivas da língua que se estuda não só dentro dos livros, mas na interação entre os indivíduos na comunicação.

Essa opinião é partilhada por PÉCORA (1999, p. 15) que afirma ocorrer em sala de aula uma “falsa produção” de textos pelos alunos que, na maioria de suas redações, fazem suas reflexões com “uma colagem mal ajambrada de frases feitas e acabadas, retiradas de fontes não muito diversificadas”, levando-os a dizer sempre a mesma coisa sem acrescentar opinião própria ao que foi dito.

Nesse contexto, para escreverem suas redações, muitas vezes, alguns alunos cometem deslizes em sua argumentação, produzindo inúmeros clichês e falácias dentro do texto. Esses problemas de argumentação são estudados desde os tempos de Aristóteles (século III a. C.), em que o próprio filósofo caracterizava como “erro” a falta de provas objetivas na construção de uma argumentação verdadeira, o que origina a falácia e o lugar-comum. Quanto às falácias, elas são apontadas como entimemas, formas de silogismo que deixam o argumento obscuro, levando a fala à generalização e ao falso julgamento.

Assim, os estudos relativos a clichês e falácias evoluíram com relação à frequência com que esses elementos vêm sendo encontrados em textos, principalmente, no contexto escolar. O que se observa então é o vazio de significado nas redações e a manutenção do lugar-comum, em que o aluno apenas reproduz ordens e esquemas lingüísticos predeterminados.

No entanto, apesar de ser um problema muito em voga nas redações de ensino médio, nota-se que apenas se identificam essas falhas na argumentação, mas não se apresentam respostas ou soluções concretas para que esse problema seja sanado ou, pelo menos, amenizado no desenvolvimento da produção textual.

Assim, investigar a presença desses elementos em redações é o primeiro passo para que se possa aperfeiçoar a arte de bem escrever no ambiente escolar, visto que o aluno precisa dominar a escrita como prática a ser desenvolvida e não como simples norma a ser seguida.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este artigo está fundamentado nos autores MESERANI (1989), RAMOS (1997), TRAVAGLIA (1997), SERAFINI (1998), FONSECA (1999), PÉCORA (1999) e GARCIA (2000), a fim de se realizar uma breve exposição sobre clichês e falácias, além de delinear bases para que se direcione o desenvolvimento da dissertação como modalidade de texto escrito em sala de aula. Para este estudo, torna-se pertinente dividir a teoria em quatro partes: a redação e o texto dissertativo, o uso dos clichês, o uso das falácias e a interferência desses dois elementos na boa produção textual.

REDAÇÃO ESCOLAR: POSOLOGIA

Uma das barreiras enfrentadas pelos jovens na hora de travar a luta com o papel é o “para que” e “para quem” escrever. E isso não atinge somente o aluno, pois até mesmo o professor encontra dificuldades em explicar, quando pede a redação em classe, para que aquele texto irá servir e para quem realmente o estudante vai ter que escrever: para o professor, que irá “macular” a folha de papel com o vermelho característico de sua caneta, o que mostra o “erro” e invoca a tradicional frase “fulano não sabe escrever”; ou para o leitor/orientador, que irá verificar onde estão os deslizes de argumentação e irá ajudar o aluno, sem rótulos preestabelecidos, a superar os problemas de sua redação. É sob esse aspecto que se molda a tão temida dissertação escolar, uma modalidade de texto em que o bom desempenho lingüístico se dá pela argumentação, muitas vezes elaborada, seguindo imposições da tradição normativa da escola, e não a opinião própria do aluno.

Seguindo esse raciocínio, segundo RAMOS (1997, p. 14), “a imagem do interlocutor, criada pelo estudante, resulta do caráter repressivo e valorativo da escola”, ou seja, o aluno trava uma batalha constante com o fato de a escola já determinar, de antemão, o que é erro e o que é acerto, tanto na escrita, como na fala; e o jovem, por não possuir ainda o pleno domínio da expressão escrita, que é cobrada por todos, sente-se na “obrigação” de mostrar que “sabe” utilizando, às vezes, o que outras pessoas já disseram para compor seu texto. Essa é a opinião também de TRAVAGLIA (1997) e SERAFINI (1998), que reforçam a idéia dizendo que, na escola, só existe uma variante aceita como padrão, desconsiderando-se as demais, o que leva o aluno a esquecer sua própria identidade pela busca do conhecimento de uma realidade estranha a ele, a qual só irá confundi-lo e prejudicá-lo em sua aprendizagem. Sobre esse aspecto, a autora afirma que:

A argumentação é apoiada em frases de efeito, normalmente de valor absoluto, ainda que isto possa incorrer em associações insólitas. Tais procedimentos levam a crer que o estudante tem a necessidade de “encher” (de uma certa maneira um certo espaço, isto é, de mostrar que está dizendo alguma coisa, mesmo que não tenha nada a dizer); e que na tentativa de tornar culta a redação, recruta os recursos que obtém a partir da imagem que constrói dentro da situação específica em que se acha. (RAMOS, 1997, p. 15)

Na citação acima, corrobora-se o que foi mencionado anteriormente, uma vez que a dissertação, antes de auxiliar no desenvolvimento da argumentação escrita, é um entrave para o aperfeiçoamento lingüístico do aluno pelo caráter artificial e forjado que assume na maioria das escolas de ensino médio. Daí surgem os elementos a serem analisados neste trabalho: clichês e falácias.

CLICHÊS: “VÁLVULA DE ESCAPE”

Dentre as definições para ‘clichê’, PÉCORA (1999, p. 103) comenta que esse elemento da comunicação se faz presente em textos escolares quando o aluno “apropria-se de uns quantos termos utilizados em textos técnicos e os distribui ao longo do seu próprio texto”, o que acarreta uma “falsa produção”, em nada original e pouco produtiva por parte do aluno. Entretanto, clichê não se limita ao uso de termos técnicos, mas também a todo e qualquer emprego de frases, palavras ou expressões consagradas e perpetuadas pela tradição educacional, que julga mais conveniente “dizer o que já foi dito” e não inovar na comunicação.

O clichê, também chamado de lugar-comum, não é exclusividade da escrita, surgindo também na fala das pessoas como um modo de pensar, segundo MESERANI (1989), espontâneo, sem visão crítica e sem demonstração da verdade, pois revela aquilo que o grupo (sociedade) tem por tradição ou dogma. Clichês não passam de idéias populares repetidas a todo momento para se manter a hegemonia do pensamento dentro de uma determinada cultura. No entanto, o ponto enfocado neste trabalho limitar-se-á a investigar o lugar-comum na escrita, particularmente, nas dissertações escolares; lugar em que a presença da tradição e da ideologia coletivas são bastante relevantes.

Para ilustrar o que sejam clichês na escrita, FONSECA (1999, p. 27), ao avaliar a criatividade e a originalidade em dissertações escolares, lista uma pequena amostra de lugares-comuns, freqüentemente encontrados em redações, tais como: *romper com todas as barreiras, como um todo, é a alma do negócio, deixar passar em branco, é uma peça chave, luz no fim do túnel, dar a volta por cima, levantar o astral, deixa muito a desejar, vestir a camiseta, lutar com unhas e dentes, (...)* entre outros citados pelo autor.

Isso mostra o quanto os alunos, e também os próprios professores, estão sujeitos a essas armadilhas da escrita, já que escrever com originalidade, sem usar o que outrem já disse, é uma tarefa não muito fácil. E o uso do lugar-comum num texto chama outro problema de argumentação: a falácia.

FALÁCIAS: SUPERDOSAGEM E FALHAS NA INFORMAÇÃO

No sentido dicionarizado, falácia é tudo o que engana ou ilude. Em lingüística, surge quando o aluno generaliza, quando é defendida uma idéia como verdadeira ou única sem que se tenham provas sobre o que está sendo dito. No contexto escolar, comumente, percebe-se o esvaziamento de sentido das redações pela falta de verdade nos argumentos de alguns alunos, ou, como denomina GARCIA (2000, p. 302), “falta de validade das declarações”, pois “só os fatos provam; sem eles, que constituem a essência dos argumentos convincentes, toda declaração é gratuita, (...) facilmente contestável”.

A falácia se apresenta num texto por meio de pressuposições feitas pelo autor, ora deduzindo, ora induzindo as informações. Por indução, entende-se o processo em que se observam, analisam-se os fatos para se chegar a uma conclusão, ou seja, parte-se dos fatos particulares para a generalização. A dedução, por sua vez, se processa de maneira inversa: os fatos ou as idéias gerais ajudam a formar o conceito particular e específico, como se o pensamento passasse por um funil para concluir as idéias. Contudo, o que ocorre com mais freqüência, em sala de aula, é o processo indutivo, em que o aluno generaliza demais as informações, não conseguindo, posteriormente, sustentá-las, o que acarreta a inverdade dos argumentos.

Observa-se ainda, segundo GARCIA (2000), que a natureza da falácia é maliciosa, isto é, que a pessoa a comete com a intenção de enganar o interlocutor, como ocorre em alguns discursos políticos e ideológicos. Todavia, referindo-se à escola e ao processo educacional, essa intenção não se manifesta, uma vez que o aluno, na maioria dos casos, recorre à falácia até mesmo inconscientemente, como modo de suprir um espaço, dentro da redação, no qual ele não sabe o que escrever, uma espécie de fuga de maiores explicações de seus argumentos. Nesse caso, a inverdade dos fatos pode estar relacionada à ignorância da questão, em que o estudante desconhece o assunto sobre o qual está escrevendo, o que o leva a emitir falsas declarações para, como dito anteriormente, completar lacunas dentro do processo forjado e repressor que a redação escolar, muitas vezes assume na escola. Além disso, tem-se a repetição de princípio ou “círculo vicioso”, em que o aluno assume como verdadeiro justamente aquilo que se está discutindo, ou seja, seu texto passa a ser uma reprodução de verdades infundadas que a própria sociedade sustenta como autênticas; é a repetição do discurso popular dentro da dissertação.

AS CONTRA-INDICAÇÕES DOS CLICHÊS E DAS FALÁCIAS EM DISSERTAÇÕES

Nos itens anteriores, procurou definir-se o que sejam clichês e falácias em textos escritos para que se possa elaborar um breve comentário sobre a interferência desses dois elementos no processo de produção textual.

Apesar de serem muito semelhantes entre si por representarem declarações insustentáveis num texto, clichê e falácia manifestam idéias opostas: enquanto o primeiro encarrega-se da impessoalidade, mostrando frases de efeito, vazias de sentido pelo seu enquadramento em qualquer tipo de texto, a segunda encarrega-se da pessoalidade, determinando falsos testemunhos e argumentos sem provas, facilmente contestáveis. Por ambos comprometerem o bom desenvolvimento de uma dissertação pelo “vácuo semântico”, que provocam, de acordo com PÉCORA (1999), é que se confundem e se misturam entre si.

Com relação à produção textual, o autor supracitado reafirma, novamente, que o entrave da redação na escola são os modelos preestabelecidos que se firmam como sendo inabaláveis. É como se, ao início de cada ano, o professor repassasse aos alunos regras contidas em um manual que servirão para que eles possam escrever de acordo com a norma culta, sempre respeitando os mesmos critérios valorativos para que suas redações não sejam desvalorizadas no contexto escolar. Contudo, essa atitude paralisa a espontaneidade do estudante que precisa cumprir regras formais, esquecendo-se do conteúdo do texto e recaindo no senso comum, como diz PÉCORA (1999):

A partir daí, se o caso é escolher entre uma certa casta de palavras e não escolher aquelas para as quais o aluno tem um determinado emprego, ele trata logo de sapear uma meia dúzia delas, quanto mais melhor. Ele trata as palavras como quem chuta um xis em um teste de múltipla escolha. (p. 51)

Como se percebe, o aluno perde a capacidade de produzir, segundo suas idéias, e se vê obrigado a manter uma tradição enraizada não na produção, mas na reprodução de elementos de uma língua cristalizada, atitude que hoje, com o avanço dos estudos em lingüística, não se admite mais.

Em contrapartida, cabe dizer que o emprego do lugar-comum ainda é mais tolerado do que o da falácia. Os clichês, pela manutenção da tradição normativa que pregam, podem passar de vilões a aliados do autor na produção de um texto: reafirmar o que outras pessoas já disseram não é necessa-

riamente um erro, pois, se assim fosse, estaria comprometido o próprio estudo em questão, já que são citadas opiniões de outros autores para se sustentar a pesquisa. O que se está tentando mostrar é que o bom texto, principalmente, do aluno de ensino médio, que está se preparando para uma futura profissão em um mercado cada vez mais elitista e competitivo, deve conter equilíbrio entre o dado e o novo, e isso só é possível pelo acréscimo de informações novas por meio de argumentos convincentes. Utilizar o lugar-comum deliberadamente torna a dissertação tautológica, isto é, repetitiva, parecendo uma cópia do que já se conhece, sem novidades; e é esse o ponto que se quer analisar.

Dessa forma, apoiando-se na teoria descrita, a análise das redações a seguir vem auxiliar a pesquisa sobre o uso desses elementos da argumentatividade, a fim de que se possam traçar caminhos mais seguros dentro do fascinante e ainda misterioso mundo da escrita.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

SITUAÇÃO DE PRODUÇÃO

As redações analisadas foram produzidas em ambiente escolar, em que o professor de cada classe procurou, na medida do possível, favorecer o bom desenvolvimento dos textos escritos por seus alunos pelo acompanhamento da produção textual. As dissertações foram produzidas por alunos de classes regulares, envolvendo as três séries do Ensino Médio em anos letivos diversificados: de 1996 a 2000.

SELEÇÃO DO *CORPUS*

Foram selecionadas, aleatoriamente, seis redações, tendo-se, como único cuidado, a escolha de textos dissertativos, uma vez que esse tipo de redação é mais relevante para o estudo de clichês e de falácias do que narrações e descrições propriamente ditas.

Como o uso desses elementos não se restringe a um determinado tipo de aluno, ou à metodologia de ensino de uma escola específica, visto que esse é um problema de produção textual, foram escolhidas redações de três escolas distintas: duas da rede pública e em cidades diferentes (São Pedro do Sul e Santa Maria), e uma escola da rede particular de Santa Maria.

ANÁLISE DAS REDAÇÕES

Por serem textos produzidos em três escolas diferentes, torna-se pertinente dividir a análise em três blocos, nos quais serão estudadas, separa-

damente, as redações de cada escola. Por conseguinte, em cada bloco serão destacados tanto os clichês, quanto as falácias presentes em cada texto.

ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA TITO FERRARI

As duas redações analisadas neste bloco pertencem a alunos que cursaram a primeira série do Ensino Médio na Escola Estadual de Educação Básica Tito Ferrari, em São Pedro do Sul, RS, no ano letivo de 2000. São textos dissertativos que se referem à reflexão do uso das drogas (redação 01) e dos problemas sociais do Brasil (redação 03).

a) O uso de clichês

Observa-se que os dois textos apresentam vários clichês, e alguns se repetem em ambos, como mostra o quadro abaixo.

Lugar-comum e redação em que se encontra	01	02
"Hoje em dia..."	X	X
"... a cada dia..."	X	
"... lugar de criança é na escola..."	X	X
"tomando/tomar consciência..."	X	X
"... nos unir (...) lutarmos todos juntos..."	X	
"... elas não sabem o que fazem..."		X
"... a realidade é muito dura..."		X

Acima se observam os clichês encontrados nessas dissertações e a frequência deles em ambos os textos. É possível se constatar o grande número de expressões comuns que esses textos utilizam para "preencher as linhas da redação", como afirma PÉCORA (1999). Isso faz com que o desenvolvimento das redações gire em torno de um único objetivo: escrever aquilo que a professora (ou a própria sociedade) defende e não as idéias dos alunos com relação ao assunto desenvolvido.

b) Falácias

Das redações estudadas neste bloco, notou-se a presença de falácias em apenas uma delas, em que a aluna manifesta-se da seguinte forma, ao tratar do assunto das drogas³:

"... é muito grande o número de usuários de drogas. E isso aumenta a cada dia e são várias as causas (...) como: problemas sociais, fome, pobreza, marginalidade."

"Esse problema de drogas é muito grande e atinge o mundo inteiro principalmente o Brasil que tem elevado número de população."

Analisando o conteúdo dos trechos acima, constata-se preconceito por parte da aluna com quem usa drogas, visto que, entre as causas da manifestação do uso, apontadas por ela, encontram-se a pobreza e a marginalidade. Isso demonstra juízo de valores equivocados, mas que são defendidos pela sociedade: drogam-se somente pessoas pobres e marginais. No entanto, sabe-se que, em muitos casos, o problema com as drogas surge em famílias de classe social mais elevada. Pobre e marginal não são, necessariamente, usuários de entorpecentes.

No segundo exemplo, o processo indutivo da aluna leva a crer que, por ser o Brasil um país "grande" territorialmente, abrigando expressivo número de pessoas, as drogas se manifestam mais facilmente; como se em países menores e com baixo índice demográfico não houvesse viciados.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO CILON ROSA

As dissertações 03 (sobre a violência nas cidades) e 04 (sobre a tragédia do Shopping Osasco, em SP) formam o bloco de textos produzidos por alunos da segunda e terceira séries do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa, de Santa Maria, RS, no ano letivo de 1996/1997, respectivamente.

a) Clichês

Novamente, foram encontrados elementos do senso comum em ambas as redações. Abaixo, o quadro dos dados levantados na análise.

Lugar-comum e redação em que se encontra	03	04
"A cada dia que passa..."	X	
"... hoje em dia..."	X	
"... difícil a vida nas cidades grandes..."	X	
"... sair de casa tranquilo..."	X	
"... não se está seguro nem mesmo dentro de casa, quem dirá na rua."		X
"... nenhum de nós está livre..."	X	
"... não sei aonde vamos parar..."	X	
"...viver a realidade/a realidade é..."		X
"... país de terceiro mundo..."		X
"... não temos muitos recursos em se tratando de saúde/segurança..."		X

De acordo com o levantamento acima, fica evidente, como no bloco anterior, o grande número de expressões usuais em apenas duas redações. No entanto, o que chama a atenção, nesse caso, é que não houve repetição de clichês entre as redações. Isso, talvez, por pertencerem a alunos de séries diferentes, com graus diferentes de maturidade; o que não excluiu a

presença do lugar-comum, como “válvula de escape”, na hora de produzir um texto, tanto na segunda como na última série do ensino médio.

b) Falácias

Apesar de possuir clichês em excesso, o texto da segunda série do Ensino Médio não contém, aparentemente, falácias; o que já não acontece com o texto da aluna da terceira série (redação 04), que apresenta falsas verdades sobre a realidade brasileira, como mostram os trechos abaixo:

“Não existe realmente um responsável por essas desgraças que estão assustando cada vez mais os habitantes do nosso país.”

“Vivemos em um país de terceiro mundo, não temos muitos recursos se tratando de saúde (...) e segurança como no acidente do Shopping Osasco Plaza em São Paulo...”

As falácias destacadas revelam que a aluna deseja manter impunes os responsáveis por grandes tragédias ocorridas nos últimos anos em prédios públicos e privados de grandes cidades brasileiras, como no caso do prédio Osasco, em 1995, que desabou ferindo dezenas de pessoas. Nesse caso, ela agiu da mesma forma que os investigadores do acidente: não existem culpados, foi uma “tragédia do acaso” (expressão usada até como título da redação). Isso tudo como se não houvesse problemas na estrutura do prédio, causados, tanto por descuido da manutenção do local, como por imprudência dos engenheiros responsáveis que não utilizaram materiais de qualidade na execução da obra. Será que esse acidente foi mesmo uma fatalidade, um “acaso”, como foi divulgado na época?

Essa idéia se confirma no primeiro trecho destacado, em que a aluna afirma não existirem responsáveis por desgraças dessa proporção. No segundo fragmento, o golpe mortal do texto: o Brasil é subdesenvolvido e não oferece boas condições de vida às pessoas com relação à saúde e à segurança. Assim, como se pode encontrar responsáveis e puni-los num país tão sem recursos como esse, que é classificado como de terceiro mundo diante das grandes potências mundiais? Infelizmente, esse é o discurso que a sociedade prega e que, conseqüentemente, os alunos levam para a sala de aula ao se manifestarem por meio da escrita. É a manutenção do senso comum, defendida por PÉCORA (1999) e GARCIA (2000), já mencionado anteriormente.

COLÉGIO MARISTA SANTA MARIA

No último bloco de redações analisadas, apresenta-se um novo contexto escolar: uma escola de ensino particular, muito conhecida por estudan-

tes e professores da região. As redações 05 (sobre a falta de solidariedade entre as pessoas) e 06 (sobre os sonhos e ideais de cada ser humano) foram produzidas por alunos da terceira série do Ensino Médio do Colégio Santa Maria – Escola Marista de 1º e 2º Graus, de Santa Maria, RS, no ano letivo de 1997.

a) Clichês

Mais uma vez, torna-se relevante montar um quadro demonstrativo dos lugares-comuns encontrados nessas redações.

Lugar-comum e redação em que se encontra	05	06
"Com o passar do tempo..."	X	
"...dar um rumo melhor na sua vida..."	X	
"... batem a porta na sua cara..."	X	
"... esbanjando dinheiro..."	X	
"... reverter essa situação..."	X	
"... andassem de mãos dadas..."	X	
"... trabalhando pelo bem comum..."	X	
"... orgulho da nossa terra..."	X	
"... seguir nosso objetivo..."		X
"Não podemos desistir..."		X
"... lutar por elas/ pelas pequenas coisas..." (sonhos)		X
"... seremos com certeza mais feliz."		X

É evidente a presença de muitos elementos do senso comum em apenas duas dissertações. Isso leva a crer que os alunos escreveram seus textos, praticamente, repetindo o que se ouve na sociedade, não manifestando aquilo que realmente pensam sobre o assunto.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de serem redações de alunos do último ano do Ensino Médio, prestes a enfrentar as provas do concurso Vestibular e do PEIES⁴. Nesse contexto, esperam-se alunos bem preparados para enfrentar a redação, processo seletivo de grande importância em ambos os concursos. No entanto, o que se observa é que o uso de clichês se torna muito mais constante nesses textos. Talvez esse seja o resultado da banalização no ensino da Língua Portuguesa, descrita por PÉCORA (1999) e TRAVAGLIA (1997), em que se ensinam regras e macetes da língua, não se dando importância à semântica dos textos escolares. É o privilégio da forma sobre o conteúdo, infelizmente, difundida no sistema escolar e na própria sociedade elitista, na qual os jovens são lançados, sem misericórdia, ao final do ensino médio.

b) Falácias

O estudo dos textos desse bloco revelou, em oposição às redações anteriores, a presença de falácias nas duas dissertações, o que remete à idéia de que os alunos do final do ensino médio tentam elaborar sua produção escrita com juízos de valor, o que daria credibilidade aos que estão

defendendo, ou acusando. Contudo, esses julgamentos são, na maioria das vezes, precipitados e apoiados, unicamente, na opinião popular. Abaixo estão destacadas as falácias encontradas nas dissertações:

“... as pessoas que não possuem condições financeiras “em excesso”⁵ são tratadas muitas vezes como animais, como seres que não possuem sentimento.”

(redação 05)

“... elas não são pobres por que querem, não roubam pelo simples fato de roubar e sim pela necessidade de sobrevivência.”

(redação 05)

“Ao desistir de um ideal, não estamos deixando apenas um sonho, uma ilusão para trás e sim a nossa personalidade...”

(redação 06)

A primeira passagem destacada mostra preconceito com relação às classes sociais. O tema dessa redação foi a falta de solidariedade entre as pessoas. Entretanto o que se revela no texto é exatamente o contrário: os ricos vêem os pobres (e os tratam) como animais sem sentimento. Essa afirmação está carregada de preconceito do próprio aluno com relação a pessoas de condição humilde; e esse preconceito se manifesta, muitas vezes, inconscientemente, pois é o discurso da sociedade conservadora que se percebe atrás das palavras do estudante.

No segundo exemplo, a falácia ocorre quando o aluno afirma que pessoa pobre, conseqüentemente, e sem nenhuma outra alternativa, partirá para o furto e que esse futuro terá uma justificativa considerada plausível a seu ver: roubar é necessário para que o pobre sobreviva. Por acaso, essa não seria a tese defendida por muitas pessoas pertencentes à alta sociedade, ditadora de regras, que se dizem defensoras dos direitos humanos e que lutam por igualdade social por meio da idéia de que pessoas menos favorecidas são ignorantes e “não sabem o que fazem”? Esse comentário pode ser confirmado por DORNELLES (1993), quando explica sobre igualdade social no Brasil; em que a herança histórica marca na cultura brasileira o caráter elitista e forjado dos direitos humanos aqui pregados, uma vez que esses, em vez de promover a união dos indivíduos, promovem a manutenção dos privilégios das elites e sua concentração de poder sobre os mais fracos. Infelizmente, essa é a concepção de direitos humanos defendida na sociedade e que muitos jovens, desconhecendo o teor ideológico dessas idéias, usam em suas redações no intuito de mostrar ao professor que têm conhecimento do assunto e opinião própria sobre ele.

No caso da última falácia, em vez de questões sociais, a aluna defende a tese de que a personalidade humana é formada por sonhos e ideais, os

quais fazem parte do cotidiano de qualquer indivíduo e que estimulam a manutenção/estímulo ao crescimento pessoal de cada um. Todavia, mesmo desenvolvendo bem seus argumentos, ela peca ao afirmar que, se a pessoa deixar algum de seus sonhos para trás, deixará também sua personalidade; o que implica dizer que o ser humano, na verdade, não tem personalidade, já que a esquece cada vez que busca novos ideais e, por ventura, abandona os antigos. Isso é o mesmo que emitir o falso julgamento de que o ser humano precisa e deve vencer sempre, não importando as conseqüências de seus atos. Com certeza, a falácia aqui produzida tem a ver com os princípios freudianos da satisfação pessoal, em que a aluna, prestes a enfrentar um concurso classificatório (o vestibular) tenta justificar um, quem sabe, insucesso, uma vez que não ser aprovada no vestibular não significa fracasso, pois o candidato poderá tentar a aprovação outras vezes, sem “desistir de seu ideal”.

Nesse contexto, após realizar a análise e fazer o levantamento de alguns clichês e falácias encontrados nas redações, faz-se mister partir para a discussão dos resultados e posteriores considerações finais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a análise das redações, os clichês encontrados nas dissertações, em grande número, comprovam um dado preocupante: a maioria dos alunos, ao escrever um texto, recorre ao desenvolvimento tautológico dos argumentos, uma espécie de “mesmice”, em que se desenvolve o tema da redação várias vezes por meio de sinônimos até que se preencham o número mínimo de linhas exigido numa redação escolar. E isso tudo ocorre, retomando PÉCORA (1999), SERAFINI (1998) e GARCIA (2000), devido ao vazio de sentido que o ato de escrever assumiu nos últimos anos: se escreve “para que” e “para quem” na escola? Certamente, para a nota que o professor dará ao fazer a correção “gramatical” da redação, desconsiderando, quase sempre, o conteúdo semântico de tais declarações.

Nessa linha de raciocínio, tem-se a medida do destaque que o lugar-comum tem na vida do estudante. O clichê está fazendo a vez e a voz do aluno para que ele possa produzir uma redação coesa e, até certo ponto, coerente, e que seja aceita no universo escolar de privilégios ao caráter formal do texto e não à carga semântica que esses textos carregam consigo.

No que se refere às falácias e seu caráter preconceituoso dentro da dissertação, é importante lembrar – embora afirme Garcia (2000) que há malícia na falácia – que o aluno não as utiliza com o objetivo de enganar o leitor/professor, ou de induzir o pensamento deste a concordar com aquele. Antes de enganar ou induzir, o que o jovem deseja é, simplesmente, mostrar que sabe escrever, e que não está desinformado do que acontece no mundo,

uma vez que a falácia nada mais é do que a manifestação do senso comum em uma sociedade cada vez mais convicta de que o futuro pertence a quem mantém a ideologia vigente, e não a quem procura ser original, mostrando o que realmente pensa a respeito das coisas. Assim, pode afirmar-se que tanto alunos quanto professores são vítimas das armadilhas da escrita. E cabe, no entanto, a este último, conhecer essas barreiras da produção textual para auxiliar os estudantes a ultrapassá-las no desenvolvimento de redações mais autênticas e menos reprodutoras de noções predeterminadas no sistema escolar tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa realizada, nota-se que a presença de clichês e de falácias em redações escolares, segundo SERAFINI (1998), é um entrave que dificulta o andamento argumentativo do parágrafo, pois faz o texto assumir um desenvolvimento tautológico, em que se diz a mesma coisa várias vezes por meio das palavras de outrem e não das próprias palavras do autor do texto. Essa constatação se une às generalizações que o aluno pode cometer ao escrever e que resultam em falácias e falsas justificativas dentro da redação. Essas falácias, como diz GARCIA (2000), constituem um dos obstáculos para o convencimento do leitor, uma vez que, para persuadir, é preciso que se apresentem provas claras e não simples declarações baseadas naquilo que se julga pertinente e que na verdade não o é. Trata-se do caso, por exemplo, de generalizações como “todo pobre é marginal”, ou “por sermos um país de terceiro mundo, não temos condições de ter saúde e segurança”; frases comuns em grande parte das redações produzidas no ensino médio.

Durante esse estudo, procurou comprovar-se o esvaziamento de sentido que os textos escolares demonstram ao usarem clichês e falácias para formular argumentos. Além disso, o fato de se analisarem redações de contextos escolares totalmente distintos contribuiu para que se desfizesse o mito de que o uso de clichês e de falácias é fato isolado de algumas realidades. O que esse estudo provou é que, independente do aluno pertencer a uma cidade pequena ou grande e ainda, independente da escola ser da rede pública ou particular, a dificuldade na hora de se produzir um texto escrito é a mesma e tende a aumentar quanto mais perto do vestibular o aluno se encontra. E por que isso acontece? Na maioria das vezes, por pressão da escola, dos pais e da própria sociedade a que o jovem pertence, pois sua meta é o sucesso na prova classificatória, e seu prêmio, aos olhos do senso comum, por passar mais de dez anos na escola, é vencer as armadilhas de uma redação que irá aprová-lo para o ingresso ao ensino superior. E se essa aprovação não ocorrer, sua vida será peregrinar por intermináveis cursinhos

pré-vestibulares até encontrar seu destino e sua profissão. Entretanto, uma dúvida ainda permanece: se clichês e falácias são barreiras para estudantes e professores ao produzir dissertações, o que fazer para mudar?

Não se trata aqui de dar dicas, macetes e receitas capazes de superar, de uma hora para a outra, um problema concentrado há décadas no ensino escolar e que já se julga impossível solucionar. O que se pretende é, na medida do possível, tentar amenizar o problema e mostrar que ainda há saída, mesmo que seja uma “pequena luz no fim do túnel” (para salientar o quanto clichês são usados sem se perceber).

Como forma de contribuição ao ensino da língua, será demonstrada uma técnica já testada em sala de aula com alunos da primeira série do ensino médio da Escola Estadual de Educação Básica Tito Ferrari, de São Pedro do Sul, RS, durante o ano letivo de 2000, que trouxe melhoras significativas à escrita desses alunos.

Durante as aulas de Língua Portuguesa, foram trabalhados com os alunos os aspectos formais de uma redação, principalmente, de uma dissertação, modalidade exigida em concursos classificatórios para o ingresso ao Ensino Superior. Durante as aulas, foi usada a metodologia da inversão de papéis: os alunos passaram a ser professores, lendo e corrigindo uma redação com visíveis problemas de argumentação, com clichês e falácias. Para se realizar tal tarefa, foi utilizado o material elaborado pela equipe da Coordenadoria do PEIES da UFSM, sob a autoria de SILVA (1999), de onde se retirou uma redação produzida por um candidato ao concurso experimental de 1998.

Esse texto foi reproduzido e apresentado para a leitura e análise dos alunos com relação ao conteúdo ali expresso. Para isso, foi exposto a eles a situação de produção daquele texto (o tema proposto para a redação). De posse do assunto da redação, os alunos, orientados pela professora, realizaram a leitura e o entendimento do texto. Após a discussão em sala de aula em que foram apontadas todas as possíveis falhas do texto, já introduzindo ao conhecimento dos alunos os conceitos de falácias e de clichês para que os identificassem na dissertação, passou-se para a tarefa final: a reescritura daquela redação com as correções necessárias para que se tivesse um texto não perfeito, mas em bem melhores condições do que o que lhes foi apresentado.

Durante a realização dessa atividade, pôde observar-se a rapidez com que os estudantes, mesmo sendo apenas da primeira série do ensino médio, conseguiram detectar as falhas de argumentação de um texto sem que a professora precisasse ajudá-los. Além disso, notou-se que a aprendizagem foi muito maior, porque os alunos sentiram-se importantes ao realizarem a tarefa do professor: corrigir um texto e tentar explicar o porquê daquelas alterações. E o resultado se tornou visível não só naquele trabalho, mas nos posteriores, pois eles, a partir dali, começaram a observar o que estavam

escrevendo para não cometerem deslizes tão visíveis como os que detectaram naquele texto.

É necessário deixar claro que o sucesso da experiência não contemplou cem por cento dos estudantes, mas serviu para que eles entendessem com mais facilidade o que é escrever um texto claro e objetivo. Nesse sentido, as dissertações finais não correspondem a textos perfeitos, pois ainda guardam resquícios de lugares-comuns e falsos julgamentos, mas destaca-se que vários alunos melhoraram bastante suas redações, no sentido de identificarem e evitarem os clichês e as falácias, depois dessa atividade em sala de aula.

Dessa forma, o trabalho do professor de língua materna é mais do que simples instrutor de regras e normas. Sua função é também a de pesquisador incansável na busca de situações que melhorem a sua prática docente e que contribuam para o crescimento do aluno, capaz de manifestar-se dentro de sua cultura com originalidade e clareza, pois seu destino não é só uma redação de vestibular. O destino dos jovens é acompanhar a evolução das línguas e da própria comunicação em que se procura dizer o que ainda não foi dito, e não perpetuar frases feitas e conceitos sociais que são vulneráveis à medida que a linguagem evolui e se mantém viva entre as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORNELLES, João R. W. 1993. **O que são direitos humanos**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense.

FONSECA, Orlando. 1999. **Redação e originalidade**. In: BEVILAQUA, Ceres H. Z. et al. Português: leitura e produção de textos – programa de ações pedagógicas e de formação do aluno-cidadão do PEIES. Santa Maria: UFSM. p. 23-30.

GARCIA, Othon M. 2000. **Comunicação em prosa moderna**. 18.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

MESERANI, Samir C. 1989. **Redação escolar: criatividade – 2º grau**. São Paulo: Atual.

PÉCORA, Alcir. 1999. **Problemas de redação**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes.

RAMOS, Jânia M. 1997. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes.

SERAFINI, Maria Teresa. 1998. **Como escrever textos**. 9.ed. São Paulo: Globo.

SILVA, Décio Barros da. 1999. **A redação nos processos seletivos da UFSM.** Santa Maria: UFSM.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 1997. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 3.ed. São Paulo: Cortez.